

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 563

Assigna-se e vende-se no escriptorio do editor e PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 18600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25000 rs. e sendo duas 35600 rs.—Semestre 13000 rs.—Brazil, anno 35600 rs.—Semestre 15900 rs. moeda forte, ou 85000 reis e 43500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 4 DE NOVENBRRO

Napoles, 22 d'outubro de 1876.

Amigo redactor.

Não estranhe a procedencia d'esta, que não tive outro remedio senão deixar Roma a toda a pressa, porque se lá me demorasse mais tempo, parece-me que morria. Já por si a atmosphera de Roma é pesada em extremo, impregnada dos miasmas do Tibre, verdadeiro rio d'euxurrada, e das lagoas da *campagna* romana; ajunte a isto um calor asphixiante como de machina de vapor (em pleno mez d'outubro), e veja lá que horrivel abalo não havia de dar unia semelhante atmosphera ao meu phisico, ainda em concerto, e de mais a mais acostumado á nossa temperatura sempre discreta, da Peninsula.

O ar de Napoles, pelo contrario, é suavissimo, e o seu céu não conhece nuvens. Desde que cheguei já me sinto todo outro, o que quer dizer, que até que possa partir da Italia, não largarei Napoles.

Deve já por força ter tido noticia da grande peregrinação hespanhola, composta de 8:000 peregrinos, que ultimamente foi admittida a uma audiencia do Santo Padre, na Basilica de S. Pedro. Esta audiencia teve toda a importancia de um acontecimento, e por mais de quinze dias foi em Roma a ordem do dia dos grupos da praça d'hespanha, dos cafés do Corso, e do journalismo de todas as côres, desde o «Osservatore» e da «Voce della Verità» até á «Libertá» e ao «Bersagliere».

Como, porém, a estas horas já provavelmente a «Palavra» terá publicado uma carta que escrevi a um amigo do Porto sobre a dita audiencia, (*) e o «Commercio» a terá transcripto, para evitar repetições, ou redundancias de noticias, communicarei a v., com minuciosos pormenores, alguns incidentes que tiveram lugar por occasião da referida audiencia, e que toquei um pouco perfunctoriamente na carta a que acima alludi, além de outros que de todo omiti, *brevitatis causa*.

Alguns redactores dos jornaes demagogos de Roma tiveram a imprulencia de apresentar-se á porta de S. Pedro, para assistirem á audiencia dos peregrinos hespanhoes, e chegaram a obter subrepticiamente um bilhete para tal fim. Que parte vinha tomar esta gente de trolha na filial homenagem dos catholicos hespanhoes ao seu chefe espirital? Felizmente foram reconhecidos pela policia secreta do Santo Padre (que tão precisa se torna ás vezes) e vedou-se-lhes terminantemente a entrada.

Alguns jornalistas mais moderados obtiveram ingresso na audiencia (não sem custo), para serem testemunhas de que esta manifestação da catholica Hespanha era pura e simplesmente religiosa.

Convem saber que diversas gazetas liberastas tinham precedentemente espalhado, tanto em Roma como em outras cidades da Italia, que a peregrinação hespanhola tinha um fim «mais politico que religioso», provavelmente um fim *carlista*. Houve até quem dissesse que D. Carlos fazia parte da pia caravana! Eu é que não concebo que fim politico podia trazer 8:000 homens, através de centenaes de legoas e de sacrificios, aos pés d'um velho despojado do seu poder temporal, e

(*) A carta a que o snr. padre Senna Freitas allude, appareceu na «Palavra», posteriormente á data em que recebemos a presente correspondencia.

Será publicada no proximo n.º

A Redacção.

reduzido a primeiro capellão de Victor Manoel (se jámais accitasse a posição que lhe fizeram). Mas com a deslealdade systematica não se raciocina; basta conhecer-lhe a tactica, e a tactica, que ninguem h'je ignora, é deturpar os traços amáveis da verdade com as feições odiosas da mentira, para a tornar suspeita e mesmo repellente aos simples, que se levam pela ponta do nariz.

Um certo *caballero*, D. Coelho, embaixador do governo hespanhol perante o governo de Victor Manoel, apresentou-se igualmente á porta da Basilica, munido de uma senha obtida arditosamente, mas foi reconhecido pela commissão hispanhola, que se oppoz formalmente a que entrasse. O embaixador reclamou, invocou a sua alta gerarchia, fez soar forte todos os seus pendurcalhos suspensos da golla da casaca, mas a auctoridade ecclesiastica appoiou o procedimento da commissão, e o embaixador audaz e inconveniente teve de retirar-se; e consta pela imprensa suspeita que se queixára perante o governo de D. Alfonso, para haver uma reparação. É muito possivel que assim fosse. Custa, todavia, a crer que um diplomata levasse a insensatez, e direi mais, a grosseria atroz a ponto de querer assistir á audiencia de S. Pedro, não como simples particular, o que facilmente conseguiria, mas revestido da posição official de embaixador perante o governo italiano, na corte de Roma; e, por tanto, devendo tomar um lugar d'honra, proximo do Sacro Collegio, e do Santo Padre, que não pôde reconhecer semelhante governo sem deixar de se reconhecer a si proprio!

A presença, pois, official de D. Coelho, na audiencia de S. Pedro era um insulto cruel, directo ou indirecto, voluntario ou... impensado (?) feito á pessoa de Pio IX. Foi um desgosto que se poupou a esse ancão do Vaticano, saciado de tantos dissabores.

Depois da solemne audiencia, que terminou pelas duas horas da tarde, deu-se na rua do *Burgo nuovo*, em frente da praça do Vaticano, um incidente desagradavel, que revoltou toda a gente séria, e que todos os jornaes, até os mais insuportos, reprovaram. Estava reservado aos bachantes de tasca o insultarem n'uma das ruas de mais movimento de Roma o estrangeiro inoffensivo, que vinha despejar generosamente a boisa, no meio desta classe commerciante e industrial, que hoje em dia sua para viver, desde que cessaram as grandes solemnidades do Vaticano.

Tinha-se agglomerado em frente da Basilica de S. Pedro, e nas ruas proximas, uma multidão enorme de pessoas de todas as classes para assistir á sahida dos peregrinos. Entre estes, viam-se dois cavalheiros da melhor nobreza hespanhola, que traziam pendente do pescoço uma facha amarella, que post-riormente se disse ser uma insignia da ordem pontificia da *Annunziata*, mas que o era realmente de uma ordem estabelecida pela ex-rainha D. Izabel.

Esta facha produziu o effeito de um *mal d'olhado* em meia duzia de farrupilhas acalanhados, que rodearam a caruagem em que iam os ditos cavalheiros, para os impedir de seguirem o seu caminho, e pizeram-se a berrar, que nem pregoeiros de Napoles: «viva a Italia, viva Victor Manoel». Estes cerebros esbraseados, através da nebula de certos vapores, tinham visto na tal côr amarella que por si só nada significava de politico, uma demonstração em favor do poder temporal do Papa. A causa é tão fóra de proposito, que eu pesso e tenho como mais verosimil, que os tunantes foram simplesmente assalariados para aquella vozeria de congosta (passe-me o provincialismo), cujo motivo ninguem pôde comprehender por muito tempo.

N'essa occasião passava eu com alguns hespanhoes que voltavam de S. Pedro, e fomos testemunhas do facto. Parámos para ver em que a cousa dava, e gostei immenso da presença d'espirito de um terceiro peregrino, cuja *cittadina* (carro descoberto) tambem assaltaram, porque o dicto trazia uma medalha, que quizeram tomar por uma recordação da acção de Castelfardo (!), e que não passava de uma medalha da Immaculada Conceição. (Tinha ou não tinha razão o bom do giboso Esopo, inventando a fabula do lobo e o cordeiro?) O cavalheiro a quem me refiro mediu esta gentalha indecente com um nobre sobrececho de profundo desdem, e puxando d'um cigarro, accendeu-o tranquillamente, e poz-se a fumar-o com uma fleugma d'escocez ou com um garbo altivo e accentuado de navarro, nas barbas d'aquelle refogo de *buzzurri*, que por desgraça ainda não tinha regressado ao Piemonte. Bravo, disse comigo, um secular não podia responder com mais eloquencia é a proposito.

No entretanto a celexima augmentava; os peregrinos hespanhoes não cediam da sua dignidade inoffensiva, e difficilmente um filho da altiva Iberia cederia a um romano! de sorte que por pouco teria havido *aguaceiro*, se os policias não tivessem corrido immediatamente, em numero assaz consideravel, e dispersado a caçalha, á ponta da espada.

Nem por isso acabaram aqui as velleidades de demonstrações communas. Um dos cabeças de motim furou por entre a chusma, e levou á praça da ponte de S. Angelo a noticia das pretendidas manifestações politicas hespanholas, donde resultou que um estouvado, de melena ao vento, constituindo-se em chefe improvisado de comicio, entrou em casa, pegou n'uma bandeira tricolor (que provavelmente serviu a 21 de setembro de 71...), e seguido por uns sessenta cidadãos de *chunello*, começaram a vozejar como os primeiros: «viva a Italia, etc.», e foram no encalço dos peregrinos que regressavam, com a maxima ordem, ao centro da cidade. Com igual promptidão acudiram ao segundo motim, carabineiros, e guardas de segurança publica, que, vendo a resistencia impudente que lhes queriam fazer os turbulentos, prenderam um bom numero d'elles, entre os quaes um advogado, por nome Belardi. Consta que fóra por equivoco, conhecido o qual, foi logo posto em liberdade. Tenho esta noticia por veridica, porque, havendo eu assistido a maior parte do tal motim, observei com certa satisfação que nenhum dos que d'elle faziam parte, attingia a altura do tacão honesto do burguez. Não houve outras demonstrações nem disturbios. Isso que houve não foi mais do que um incidente sem importancia, que quando muito, teve a triste utilidade de provar-nos que em Roma tambem ha quem saiba entender a liberdade á moda de certos paizes e certos typos que nos são familiares. Foi uma sombra de D. Verrumão n'um magnifico quadro de Murillo; serviu apenas para lhe augmentar o esplendor.

Os peregrinos teem sido a admiração, e a edificação de Roma, durante todo o tempo da sua estada na cidade eterna. O profundo espirito de fé com que visitam as basilicas, os sanctuarios, os monumentos historicos do Christianismo tem acordado sensivelmente da sua apathia religiosa, e do seu indifferentismo pratico, esta população romana demasiado familiarizada com os mais ricos thesouros da historia christã, e com as primeiras magnificencias da architectura sacra.

Inveja, com toda a rabida ingenuidade de uma creança, o exemplo glorioso que a Hespanha acaba de dar ao mundo catholico.

A sua peregrinação, por ser a mais longinqua e incommoda, nem por isso deixou de ser a mais numerosa que a Europa catholica tem feito aos tumulos dos dois grandes Apostolos e aos pés do Santo Padre.

A proximidade em que aquella se acha de nós provoca o confronto, e faz singularmente resair o contraste da sua energica iniciativa com a nossa indolencia de lamechas. Paciencia. Um dia, talvez, tornaremos a ser portugueses; estamos por ora n'um estado de larva; quando romperá a crysalida o seu grosseiro involuero?

Basta por hoje. Deixo esta em interrogação, estado tão natural do espirito humano na crise que atravessamos.

Se estranha a demora que levei em escrever-lhe a minha segunda, lembre-se de que Roma tem dois anagramas—*Amor*, e—*Mora* (demora). Creia que se o primeiro é bello, o segundo é exactissimo. Tudo em Roma se faz com lentidão, desde um creado que nos serve unia *pollenta*, até a uma resposta das Sacras Congregações. Não se admire, portanto, que a Roma do segundo anagrama me tivesse transmitido por influencia a sua... preciosa qualidade. Adeus.

Creia-me um

Amigo certo

PADRE J. J. SENNA FREITAS.

O illustrado auctor da *Revista critica*, da «Correspondencia de Portugal» escreveu para aquella secção um excellent artigo, que vamos transcrever.

Tencionamos ajuntar-lhe algumas reflexões; porém é trabalho de que nos dispensa o nosso presado collega da «Palavra», como os leitores vão apreciar.

Segue o artigo, cuja leitura recomendamos aos liberaes de todos os matizes:

Somos reaccionarios é verdade; já ninguem duvida d'isso nem nós pertencemos occultar um facto de que nos gloriamos. Mas, para melhor fazer comprehender a nossa reacção, vamos primeiro copiar da «Correspondencia de Portugal» de 28 de setembro ultimo o seguinte chistoso e critico artigo, e depois os nossos commentarios completarão a nossa explicação.

«Se Lisboa tem alma, a sua sede é incontestavelmente no bairro alto, onde não chega, nem faz nenhuma falta a agua da companhia. E' só alli, por aquellas estreitas viellas povoadas de livres pensadores, que á noite se esenta com as scintillantes lamurias da guitarra, o intimo canto da alma. Fóra d'esta privilegiada região são raras as manifestações do espirito. Não é que faltem artistas nem sabios. Todos os dias diz a gazeta que partiu para Vidago um pintor celebre, que foi para as Caldas de Vizella um escultor famoso, mas a cultura das artes só a demonstram os teimosos padecimentos d'estes achacados ministros do bello.

A sciencia tambem não faltam cultores. Não ha semana em que a academia não codifique novos sabios extravagantes do paiz e do estrangeiro mas é tambem só por estas codificações que a produção scientifica se manifesta. Em revelações de espirito só a politica hembraia com o bairro alto, grandes affectos e grandes committimentos.

Recebi um livro intitulado *Os lazaris-tas nos Açores* que me enviou graciosamente o seu illustre auctor o snr. Augusto Ribeiro, a quem devo e muito agradeço além do livro as pehorantes expressões do seu offerecimento. Prevenido apenas pelo reconhecimento da extrema benevolencia de tão distincto escriptor para com

a minha obscura pessoa, li este livro, que tanto me deliciau com a sua fórma litteraria como me contrariou com a sua doutrina.

Como o titulo o denuncia é o fantasma da reacção que apavora o esclarecido espirito do auctor, paciente tambem d'esta enfermidade nervosa que tem atacado outros brilhantes talentos e respeitabilissimos caracteres. Quiz a fortuna, para que mais damnosa fosse esta molestia, que fossem precisamente as mais altas intelligencias que ella invadisse.

Ha muitos annos que ando com uma candeia á procura da reacção politica e ainda a não encontrei, e tendo aproveitado a occasião para observar os principios da liberdade ainda não vi senão um, que é a republica. Reacção religiosa, reanimação do sentimento religioso, sei que ha, e não chegam as gratulações da minha alma para festejar dignamente este grande acontecimento. Reacção politica não ha nem póde haver, porque a liberdade não é instituição humana é instituição da natureza, que pertence á estrutura moral da humanidade como a circulação do sangue pertence á economia do corpo humano. Se a natureza constituiu psychologicamente o homem de modo que nem o proprio individuo póde tolher a liberdade do seu pensamento, como será possível hoje tolher a liberdade politica que não é senão a expressão da liberdade psychologica?

O que é muito de notar é que são os proprios monteadores do fantasma reaccionario que tomam a si o trabalho de demonstrar que a reacção é uma impressão visionaria do seu espirito.

Ainda não li nem ouvi nenhum que me não dissesse como o sr Augusto Ribeiro: «Embora a reacção procure desviar da sua marcha a corrente magnetica da opinião não conseguirá o seu fim. Os tempos que passam são essencialmente liberaes. O pensar livre da sociedade actual presente-se como o bater compassado da arteria, que denuncia a vida. E quando uma ideia caminha acariciada pela consciencia livre de uma sociedade não pára assim. E' inutil o esforço que procura desvalla.»

Se a liberdade é, como todos elles affirmam e eu confirmo, uma fortaleza inexpugnavel, se contra ella nada podem os esforços titanicos do absolutismo, ou o partido reaccionario é uma visão, ou é um partido de mentecaptos, que só se recommenda á consternação geral. Em Coimbra vi eu, certa noite depois de uma festa de capello, um lente e um estudante mettendo hombro, cada qual de seu lado ao edificio de Sé velha com manifestas intenções de o derrubar, e eu fui seguindo para casa sem receio de que as iras pagãs de Baccho e de Minerva desmornassem aquelle monumento do christianismo.

«Mas se temos fé em que ella não morre (a liberdade) diz o auctor, não devemos no entanto abandonar o campo áquelles que tentam assaltar-nos a familia e ferir-nos no que temos de mais caro e sancto na nossa vida social—a mulher.»

O jesuitismo, ultramontanismo, lazarisimo ou vaticanismo, nomes por que são conhecidas varias seitas da reacção tenham firmar o seu throno no coração da mulher, principio da familia e que uma vez conquistado era um poderoso elemento para uma obra satanica. Obstar-lhes aos desígnios deve ser o empenho de todos os liberaes. E' precisa a guerra, e guerra de morte em nome da sociedade.»

Já não é a liberdade, é a familia, que não devemos abandonar aos que tentam assaltá-la e ferir-a no que ella tem de mais caro e sancto. De perfeito accordo. Defender a familia contra todos os seus inimigos, entre os quaes figuram com mais torvo sobrenho os materialistas deve ser o empenho não só de todos os liberaes mas de todos os homens de bem.

Não conheço as travessuras que os lazarisistas tem praticado nos Açores ou em outra qualquer parte. Como são homens, embora ao serviço de uma sancta instituição, é natural que alguns se tenham desviado algumas vezes do caminho do dever e da virtude. Condemnar porém uma corporação que rege o mais sancto instituto, e que tão importantes serviços tem prestado em arriscadas missões nos sertões da Africa e da America, só porque algum de seus membros succumbiu ao demonio da tentação, parece-me injusto como injusto me pareceria que pela mesma jurisprudencia se condemnassem as monarchias e todas as magistraturas, em

cujos seios se tem consummado os mais atrozes commettimentos.

Esta minha doutrina é o proprio auctor que parece reconhecê-la no seguinte periodo: «Mas não se diga que nós queremos que se desconsidere a classe ecclesiastica e se menospreze os seus serviços historicos á civilização. Não condemnamos a honradez, stigmatizamos o crime. Não nos esquecemos de Caetano Brandão e de Bartholomeu dos Martyres. Não olvidamos frei Luiz de Sousa nem Antonio Vieira. Queremos fulminar os abutres, que conspiram contra a liberdade e condemnar aquelles que nos querem ferir os seios d'alma e suffocar a consciencia nas suas manifestações.» Condemne todos esses malvados, mas, só para os não imitar privando-os de uma garantia de liberdade, não os condemne sem processo, e sobre tudo não amplie os efeitos da sentença a toda a corporação a que pertencer o delinquente. Quanto aos hymnos, que o elegantissimo escriptor entoa em namoradas melodias á liberdade, permitta-me que lhe associe as vozes de Lacordaire, de Dupanloup e de todos os illustros e virtuosos ministros da religião catholica.»

Damos aqui logar a este artigo, apesar de certas concessões que n'elle se fazem e que nós não podemos aceitar, porque, na sua maior parte, faz justiça ás boas intenções d'aquelles que, como nós, são apodados de reaccionarios. Concordamos em que o *partido reaccionario*, no sentido geral que ahí se dá a essa palavra, não existe; pelos menos nós, que somos tidos na conta de pertencer a essa confraria, ignoramos a sua existencia. Ora agora reacção no sentido moral e religioso existe: porque é necessaria, urgente, impreterivel: e só sentimos que ella não seja tão efficaz, como era para desejar. Mas esta reacção não é inimiga das instituições vigentes, nem planea conquistas politicas, nem tem sede de dominação e de mando, porque é essencialmente conservadora e amiga da ordem que é precisamente o que são os homens de boa vontade, as pessoas honestas de todos os partidos, principalmente aquellas que tem a religião e a moral na altura em que a devem ter.

Quando a acção é má, é pessima, a reacção é boa, é excellente; quando o partido de acção só procura destruir e calcar aos pés todas as crencas desde a fé em Deus até á confiança na virtude; todas as instituições desde o estado até á familia era urgente a criação do partido de reacção que contraminasse e oppothesse um dique á corrente das ideias subversivas da *internacional*. Neste sentido ha pois reacção e temos a honra de nos contarmos no numero dos seus mais humildes obreiros. No sentido em que o preconceito dos *soi-disant* liberaes a tem tomado, repetimos, ignoramos a sua existencia e cremos com o articulista da «Correspondencia de Portugal» que não passa de uma visão, de um espantinho, arvorado para servir de pretexto a certos elementos, que vão sendo bem conhecidos como pouco ou nada ordeiros, para agredirem a parte mais pacifica e conservadora da sociedade e por isso alvo dos seus odios e das suas constantes investidas a rasão é obvia.

Vê-se porém que alguns dos nossos homens de estado vão abrindo os olhos acerca d'este terrivel *qui pro quo*, em que tem vivido ha algumas dezenas d'annos, e com isso nos congratulamos; porque nunca foi mais necessaria a união sincera e forte de todos os elementos conservadores, do que agora. E se não fóra a desconfiança reciproca, em que uns e outros tem vivido, temos a certeza de que as coisas não teriam ido tão longe: comtudo talvez se possa ainda evitar muita desgraça.

Diz George Sand na *Historia da sua vida*: «Aquelle que caminha com os olhos sempre fitos na sua meta, dando encontrões e repellindo quantos topa no seu caminho arrisca-se a ver um inimigo onde acharia sem duvida um amigo efficaz, um auxiliar indispensavel.» Permittam os nossos politicos, que lhes applicamos estas bellas palavras da escriptora franceza e que exprimem precisamente o escorso biografico de quasi todos desde certa epocha, que é inutil precisar. Bom é no entanto que o preconceito acabe e se ponham de parte vão declamações, para se attender ao perigo real e imminente. Nós tambem pregamos a liberdade, a equaldade e a fraternidade, não a dos demagogos, mas a que nasceu á sombra da cruz, e que tem medrado á luz vivificante do Christianismo. Nós, os portuguezes, flore-

mos e brilhamos na era das cenças vivas e puras e sentou-se-nos a patria no convivio das grandes nações. A' voz d'essas recordações ainda hoje o mundo treme: evocando a lembrança do Mestre de Calatrava fogem espavoridas as hordas da mourisma, e evocando a do Mestre d'Aviz treme Castella. E hoje somos pequenos, porque não cremos em coisa alguma, pois geralmente se faz alarde de um scepticismo estulto levado até á insanía; e para se ser grande é preciso, como muito bem disse um escriptor d'esta terra, crer em alguma coisa. Hoje somos miseraveis, porque se vai apagando entre nós a fé, a religião e a virtude, porque estamos caindo na mais completa abjecção moral. Nós que não fallamos aos que nós leem em nome de um credo politico, mas unicamente em nome das verdades evangelicas e que nos julgamos por isso superiores a todas as facções, seitas e partidos, temos o direito de ser severos com todos os que, occupando cargos importantes na administração do estado tem postergado e sacrificado sempre os interesses religiosos e moraes, os verdadeiros interesses, a mesquinhas e vãs considerações de preponderancia e de supremacia politica; o que tem dado em resultado a perda da conciliação reciproca, a desordem em todos os ramos de administração, a descrença finalmente em todas as verdades evidentes, ou que devem considerar-se taes, para formarem o centro solido e seguro em torno do qual giram os principios fundameataes das sociedades bem organisadas.

Vão-lhe agora achando o erro: vale mais tarde, do que nunca.

E aos que se incommodam com a nossa reacção diremos apenas que têm um meio infallivel de acabar com ella, meio facil de pôr em pratica, supponmos nós: é supprimirem a sua acção nefasta e subversiva, que assim tornam desnecessaria a reacção conservadora. D'outra fóra não se cansem, que é tempo perdido. Podem apupar, insultar, assassinar, prender, processar e fuzilar, que, em quanto houver um individuo que tenha temor de Deus, que preze a sua honra e a sua dignidade de homem, haverá reaccionarios. Pelo menos é esta a nossa convicção. A unica coisa que não disputaremos aos partidarios da acção é a honra que se attribuem de descender de um *gorilla* ou de *chimpanzé*, porque isso é lá negocio intimo de familia com que nada temos; mas sempre que derem alguma investida a qualquer dos angulos do edificio social, devem contar, que nos encontrarão pela frente. E' essa a nossa missão; cumpril-a-hemos.

GAZETILHA

Focos d'infeção. — Fez-se grande berreiro com os enterramentos nas igrejas, porque se dizia que eram perigosos focos de infeção: o cemiterio publico satisfizes os zelosos amigos da saude publica, e ninguém fellou mais nos enterramentos nas igrejas, nem mesmo no melhoramento hygienico da cidade. Mas o estado sanitario d'esta terra não melhorou, antes é evidente que peorou muito, pela tendencia que ha poucos annos se nota em tomarem mau character as mais simples molestias. E como não ha de ser assim tendo o desleixo consentido e tolerado uma repugnante imundicie em grande parte das ruas da cidade!

O que porém repugna e se torna digno das mais asperas censuras, é o deposito que se faz no Monte de Crasto de animais mortos, entregues á putrefacção!

Não ha desculpa para um tão grave desleixo, não só porque fica o dito monte á distancia d'um tiro de pedra do coração da cidade, e porisso de perigosissima influencia na saude do povo, como tambem porque, sendo dos mais formosos passeios dos suburbios d'esta terra, não póde ser visitado sem asquerosa repugnancia e sem perigo quasi certo da saude. Isto faz-nos acreditar em que o zelo dos removeedores dos enterramentos nas igrejas para um cemiterio era farisaico.

Não indicamos as providencias a tomar; seria isso ensinar o padre-nosso ao vigario; mas soltamos um grito de indignação contra tanto desprezo pela saude publica.

Obito. — Na semana passada falleceu em Gouvea, concelho d'Alfandega da Fé, o sr. José Paulo d'Azevedo Magalhães, pae do sr. Antonio Santos Azevedo Magalhães, d'esta cidade.

Tinha 94 annos e fizera a guerra da Peninsula.

Ao sr. Azevedo os nossos pezames.
La Rose de Lourdes e Le Messager de l'Immaculée Conception eché des Sanctuaires de la Sainte Vierge. — N'estes tempos em que a fé parece vacilar, em que a filosofia sofisticada do seculo quer atacar a sã filosofia da Religião Catholica, lançando assim o desanimo da incredulidade nos espiritos menos robustecidos, veem, por fortuna, em auxilio dos que zelam a causa de Deus e da Santa Igreja, publicações piedosas que tentam a pôr um dique a essa onda de descrença que ameaça invadir a sociedade. Recebemos, como especimen um numero do jornal acima indicado e não podemos deixar de recommendar ás pessoas devotas, aos chefes de familia exemplares, ás associações, ao clero, ás comunidades e collegios, a aquisição d'este thesouro, tão agradavel ao espirito como util á alma e ao coração.

Le Messager de l'Immaculée Conception offerece além de todas as vantagens moraes que da sua leitura podem resultar, em premio aos seus assignantes a magnifica Rosa de Lourdes, imagem delicadamente recortada em fóra de rosa e fechada de modo a occultar em suas dobras 14 grandes medalhões representando passagens da vida da Santissima Virgem, copiados de quadros dos grandes mestres, e outros 14 mais pequenos reproduzindo varias scenas da poetica appareição de Lourdes. Só o premio por si é valiosissimo: encerrado em uma linda *enveloppe* de papel *glacé*, tendo em cima uma rica fotografia da nova igreja de Lourdes e seus pittorescos arredores.

E' devida esta nova e interessante publicação ao zelo verdadeiramente catholico de Mr. A. Normand, livreiro e editor em Paris. Redige tambem outro jornal não menos interessante, *Le Libérateur des âmes du Purgatoire*, revista mensal, destinada a procurar os meios de aliviar as almas que padecem a expiação de suas culpas, os serviços que podemos prestar aos nossos irmãos defunctos, em tudo conforme com as ideias da Santa Igreja. O preço do *Menageiro* é de 18600 por anno, o *Libertador das almas do Purgatorio* 800 reis, a *Rosa de Lourdes* separada 300 rs. Assignam-se na Livraria de Madame Marie François Lallemand, rua do Theouro velho, 22, Lisboa.

Neste estabelecimento se encontra grande sortimento de livros, essencialmente piedosos, taes como: *Jesus Christ*, por Louis Veillot, *La Vie de la Sainte Vierge*, *Imitation de J. Christ* e *Imitation de la Sainte Vierge*, (grande e pequeno formato); *Jeanne d'Arc*, poema religioso, e muitas outras obras edificantes.

A nova estação de Arentim. — Foi ha tempos inaugurada esta nova estação na via ferrea do Porto a esta cidade, com o que muito lucraram as povoações proximas. Informam-nos que tem sido grande a concorrência de povo áquella estação, que ficou situada em sitio lindissimo.

Seria muito para louvar que o governo elevasse aquella paragem a categoria de estação de 3.^a classe, do que resultariam sensiveis vantagens para a linha e para os povos das freguezias limitrofes.

Este melhoramento foi devido á solicitude dos snrs. abbades de Cunha e de Rulhe, cavalheiros estimaveis e justamente considerados.

Commemoração dos Reis defunctos. — Foi grande a concorrência de pessoas ao cemiterio publico, onde quasi todas as campas se achavam adornadas.

A R. Irmandade da Misericordia fez a sua visita na tarde do dia 1, indo crescendo numero d'irmãos presididos pelo digno Provedor e capellães da casa.

Foram muitas as *via-sacra* que alli se resaram, e sempre acompanhadas de immenso povo.

Fatice em seara propria. — Um fogueteiro da freguesia de Priscos, por nome Domingos Marques, incendiou a propria casa em que habitava, e de que era dono, a qual ficou redusida a cinzas.

Informam-nos que fóra levado a praticar este acto brutal por suggestões d'uma mulher com quem o referido fogueteiro vivia amancebado, e com quem tencionava ausentar-se, abandonando esposa e filhos.

Declaração. — Em a nossa local epigrafada *Trasladação*, dissemos que a remoção da ossada da sr.^a D. Maria Joanna Teixeira Fonseca, fora feita pela familia dos snrs. Fonsacas, o que não é exacto. So tarde soubemos que aquelle acto foi praticado a expensas do sr. Manoel de Pajva, genro da fallecida.

Mais um.—Começou a publicar-se em Lisboa mais um jornal. Intitula-se *Aurora Commercial*, e diz-se órgão dos caixeiros portugueses.

Aniversario das Almas.—Celebra-se á manhã e segunda-feira o anniversario da irmandade das Almas, erecta na Sé.

Informam-nos que o orador nesta solemniaidade será o nosso illustrado patriota, o revd.^o Joaquim Antonio de Barros.

Despachos ecclesiasticos.—Pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça effectuaram-se os despachos seguintes:

O presbytero Francisco Martins Pereira—apresentado na igreja de Nossa Senhora da Luz de A dos Cunhados, da diocese de Lisboa.

O presbytero Manuel Carlos de Paiva—apresentado na igreja de Santa Maria Magdalena de Agadão, diocese de Aveiro.

O presbytero Manuel de Almeida Dias Costa, parochio collado na igreja de Santa Eulalia de Balões, do bispado de Vizeu—declarado sem effeito, a requerimento do interessado, o decreto de 17 de fevereiro ultimo, pelo qual fôra apresentado na igreja de S. Miguel da Bodiosa, do mesmo bispado.

O presbytero Luiz Thomaz da Fonseca—apresentado na igreja de Nossa Senhora da Graça de Fornotelheiro, da diocese da Guarda.

O presbytero Julio Cesar Pereira da Silva—provido na serventia vitalicia da thesouraria da igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, do arcebispado de Evora.

O presbytero José Peres Galvão, parochio collado na igreja de Santa Maria do Sobrado, da diocese de Lamego—apresentado na igreja de Santa Marinha da Cortegaça, da diocese do Porto.

O presbytero Valentim Gonçalves Ribeiro—apresentado na igreja parochial de S. Mamede de Ribatua, da diocese primaz de Braga.

O presbytero Luiz Antonio Martins—apresentado, precedendo concurso por provas publicas na igreja parochial de Nossa Senhora do Rosario, do concelho do Alandroal, diocese de Elvas.

O presbytero Manuel Ignacio de Arango Coutinho, parochio collado na igreja de S. Pedro de Cahide de Rei, da diocese primaz de Braga—apresentado na igreja de Santo André, de Villa Boa de Quires, da diocese do Porto.

O presbytero Euzebio Correia de Sousa—apresentado, precedendo concurso por provas, na igreja parochial de Nossa Senhora da Anunciação de Espáriz, do bispado de Coimbra.

O presbytero Lourenço Manuel de Carvalho—apresentado na igreja parochial de S. João Baptista da Figueira, da diocese de Lamego.

O presbytero Manuel Gonçalves de Oliveira de Arozo, parochio collado na igreja de S. Nicolau, da Villa da Feira—da diocese do Porto—apresentado na igreja parochial de S. Cosme e Damião de Gemunde, da mesma diocese.

O presbytero Antonio de Freitas Pinto e Sousa—apresentado na igreja parochial de S. Miguel de Lazarim, da diocese de Lamego.

O presbytero Antonio Ribeiro da Silva, parochio collado na igreja de S. Martinho de Valdigem, da diocese de Lamego—apresentado na igreja parochial de S. Pelagio das Ovadas, da mesma diocese.

O presbytero Paschoal Rodrigues, parochio collado na igreja de Nossa Senhora da Anunciação de Romeu, da diocese de Bragança—apresentado na igreja parochial de S. Miguel de Palaçoulo, da mesma diocese.

O presbytero Joaquim de Almeida Chaves, parochio collado na igreja de S. João Baptista de Sanjoninho, da diocese de Lamego—apresentado na igreja de Nossa Senhora da Assumpção de Pendilhe, da mesma diocese.

O presbytero Francisco Manuel Nunes Saraiva—apresentado na igreja parochial de S. Pedro de Penedeno, da diocese de Lamego.

O presbytero Joaquim José da Costa—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de Santa Maria de Pindello, da diocese do Porto.

O presbytero Manuel Pinto Correia—apresentado na igreja parochial de S. Martinho, do concelho e diocese do Funchal.

Accepta as presbytero Francisco José

Pereira de Magalhães a renunc da igreja parochial de Nossa Senhoras Neves de Villares, da diocese priú de Braga.

A rua Queimada.—E no dia seguinte ao da entrada das tras allemãs em Strasburgo. Os entulhos fumegavam ainda, attestando de que moderacião devem ser tratados os irmãos.

Um official gorducho e uito senhor de si aproximou-se d'um aiato e pergunta-lhe:

—Ouve! onde fica a rua Queimada? E' o nome d'uma rua de Strasburgo.

O garoto alsaciano respondeu.

—A rua Queimada? orassa! em toda a parte. Graças a vós, das as nossas ruas a são.

E' historico, diz um anal parisiense.

Resultado da tradação livre.

—Um professor de latim, aborrecido de ouvir muitos erros e asneis a um discipulo, perguntou-lhe:

—Como traduz—*Deumle Deo?*

—Traduzo—*dé onde r.*

—Bem como *dé onde* ahi tem, e zás, a irou-lhe em seguida com o livro á cara, fazendo-lhe espirar o sangue pelo nariz.

D'alli por diante o scipulo traduziu mais á letra.

Excelente.—No *manack* de Lisboa para 1877 vem o seguinte artigo, que a «Palavra», que primeiro o extrahiu, diz ser firmado do sr. Antonio Rodrigues Sampaio, actual ministro do reino:

«A antiguidade er mais avisada e mais sincera do que ns. porque chamava ás cousas pelo seu proprio nome. O parvo moderno resistea denominação, e quer ser considerado uma força um sabio. Acabaram as fess que aos parvos se faziam na antiguidade pagã, e durante varios seculos de Clistianismo, mas o numero dos parvos nã diminuiu e *fizeram-se atheus.*

Ha parvos sabios: parvos ignorantes. Os parvos mais parvo são os parvos sabios, segundo Molière que diz:

Um sot savant est sotplus qu'un ignorant

Segundo Jony ha res especies de parvos: os que não sabem inteiramente nada, os que sabem mal, e os parvos que sabem tudo menos o que deviam saber. Esta ultima classe é hoje a mais numerosa.

O parvo tem admiradores, e entusiastas nos mais parvosque elle, como se vê n'esta sentença de oileau:

Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire.

Ha parvos mudos e parvos fallantes. Os parvos mudos são os que nunca deram provas do seu saber, mas que soltaram alguns monsyabos misteriosos e baixinhos, n'uma rod d'outros mais parvos, que os contemplam sem os contrariar. Os parvos fallantes são os melcatrefes, que se intromettem a decdir aquillo de que nada entendem.

O parvo ench o mundo de suas façanhas, porque nã falla se não de si. Se é militar, julga das campanhas de Alexandre, de Cesar e de Bonaparte, e nota-lhes os erros; mas nunca soube commandar um desacamento: condemna ao mesmo tempo a rapidez dos movimentos de Napoleão, e a morosidade dos de Fabio.

Se é juiz, o parvo declama contra a administração da justiça, e nunca proferiu sentença que não fosse annullada, por contraria á lei ou por falta de solemniaidade essencial do processo.

Se é medico ou cirurgião, o parvo discorre sobre todas as doencas, censura todo o tractamento, mas não ha noticia de enfermo que não lhe morresse nas mãos.

Se é advogado, o parvo nunca falla senão na letra e no espirito da lei mas o escriptorio está deserto como as ruas de Sião; porque o parvo não advoga causa que não perca.

Se é industrial, o parvo explica com admiravel verbosidade todos os segredos, e todos os processos da industria, mas fallam-lhe completamente na pratica todos os calculos.

Se é candidato em algumas eleições o parvo tem sempre a seu favor o voto de todos os eleitores; mas consultada a urna só se lhe encontra no fundo um voto a seu favor, que é o d'elle.

Se é jornalista, o parvo não expõe opiniões, canta a victoria

dos seus correligionarios na vespera da sua derrota, annuncia a morte dos seus adversarios na vespera do seu triunfo, pregua a estabilidade do ministerio que apoia, duas horas antes de sua demissão, exonera os ministros que combate, quando o seu poder está mais seguro; affiança a paz quando está para romper a guerra; prognostica uma conflagração geral, quando as nações desarmam e licenciam os seus exercitos.

O parvo antigo era o que não sabia nada, nem de que freguezia era: o parvo moderno não é só o que não sabe, é o que pensa que só elle sabe tudo.

O parvo antigo estragava o que fazia; o parvo moderno arrebeta-se não estraga o que os outros fazem melhor de que elle.

O summo curião em Roma, designava aos parvos antigos a sua vez e lugar nas festas pagãs; o parvo moderno toma hoje a dianteira a todo o mundo. Não sabe de que freguezia é, não sabe onde tem a cara, mas a deusa *Fornax* compadece-se da sua situação, e fornece-o de pão.

José Daniel construiu o *barco da carreira dos tolos*; fez-se arraes d'elle, quiz transportal-os para a ilha Anteyra, mas depois da duodecima viagem quiz repousar das suas gloriosas fadigas, para não se arriscar, disse elle, a perder a gloria adquirida.

A *estupidez*, que veio entre nós estabelecer o seu imperio, teve tambem o seu Homero. Se o parvo não tem sido ha muito adorado é porque elevando-se todos a idolos não ficou um só para adorador.

Creemos piamente que a raça dos parvos não acabará nunca. Se as antigas festas dos asnos foram abolidas (asno, parvo e tolo são synonymos), substituiu-as o bodo do orçamento, onde o parvo come sem o risco de estragar o pão, e sem necessidade de saber de que freguezia é. Mas se muito come o parvo, mais parvo é quem lho dá, como diz o nosso velho adagio.

Contribuições.—Desde 2 de novembro a 1 de dezembro proximos estará aberto o cofre da recebedoria, para a cobrança das contribuições predial, e decima de juros do corrente anno. Acha-se já aberto para as contribuições industrial e de rendas de casas e sumptuaria de 1875.

Appelo á caridade publica.—Lembramos ás almas caridosas, Joanna Teixeira, viuva, de 86 annos de idade, moradora na rua de Infias n.º 85, a qual se acha entevada ha 14 annos, e sem meios de subsistencia.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

CONSTANTINOPLA 1—Ainda não foi assignado o armisticio. O «ultimatum» da Russia foi somente entregue hontem á tarde.

RAGUSA 1—Os montenegrinos romperam o bombardeamento contra Podgoritz.

Roma 1—O bispo de Urgel chegou a esta cidade, e apresentou-se á embaixada hespanhola.

O Papa prohibiu a publicação do discurso do arcebispo de Granada.

MADRID 31—Decidiu-se oficialmente que os despachos ordinarios, transmittidos pelo cabo submarino entre Barcelona e Marselha, paguem a taxa de quatro pesetas e 60 centimos, a partir d'amanhã, e seis pesetas para as outras estações de França ou vice-versa. Os despachos pela via terrestre conservam a taxa anterior.

PARIS, 31—Depois de ter recebido a communicação da derrota dos servios, o principe de Gortschakoff ordenou ao embaixador russo em Constantinopla general Ignatieff, que partisse, rompendo as relações com a Sublime Porta, se o governo turco, no prazo de dois dias, não aceitar o armisticio mandando cessar as hostilidades. Noticias de Constantinopla, de hontem á tarde, dizem que estava imminente a assignatura do armisticio.

PETERSBURGO, 31—O czar desaprovou o artigo do «Golos» contra Disraeli. Os telegrammas officias servios confessam a victoria dos turcos e a occupação de Djunis.

ROMA, 31—Confirma-se o boato de se ter aggravado a enfermidade do cardeal Antonelli.

LONDRES, 31—Mallogrou-se uma tentativa de «pronunciamento» que houve em Pierola, no Perú.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os, e assistiram ao officio de corpo presente que teve logar no dia 19 de outubro, na igreja dos Terceiros, por alma do seu sempre chorado filho e irmão Antonio Martins Jacomo, o fazem por este meio protestando a todos seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão.

Igualmente agradecem aos illm.^{os} e exm.^{os} snrs. reverendos ecclesiasticos que gratuitamente se dignaram dizer missa e assistiram ao officio, e ás corporações das irmandades de que o fallecido era irmão, e aos devotos de S. Vicente Ferreira que gratuitamente lhe mandaram dizer uma missa e pagaram á musica que o acompanhou á sua ultima morada, bem como á musica dos snrs. Paivas & Oliveira.

Braga 27 de outubro de 1876.

Rosa Maria da Luz
Domingos Martins da Luz Braga
Anna Maria de Jesus.

(4390)

Rosa Joaquina Pereira de Carvalho, seus filhos, e genros, José Maria Rodrigues de Carvalho, Joaquim Augusto de Carvalho Braga, João Antonio d'Oliveira Braga, e Ricardo Rodrigues de Azevedo, extremamente reconhecidos para com todas as pessoas, que se dignaram dirigir-lhes cumprimentos de pezames, pelo fallecimento de seu muito prezado sobrinho, e primo, o sr. Domingos José de Carvalho e Silva, a todos agradecem por este meio, na impossibilidade de cumprirem pessoalmente este dever, protestando-lhes a mais sincera e indelevel gratidão.

(4397)

Anna Emilia de Jesus Vieira, Maria Miquelina de Jesus Viera e Joaquim José de Aranjo, e seus filhos e filhas, agradecem a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada mãe, sogra e avó Maria Miquelina de Jesus, e pedem desculpa de o não fazerem pessoalmente.

(4395)

ANNUNCIOS

VENDE-SE

Uma caixa propria para azeite que pôde levar 5 pipas. No escriptorio da administração d'este jornal se diz quem a vende.

(4394)

CAIXEIRO

Offerece-se um da provincia com habilitações para retalho, por junto etc. Tambem se encarrega de qualquer escriptorio e cobrança. O mesmo tem pratica para tabacaria e se encarrega da escripturação pertencente á mesma. Dá fiador idoneo. Quem precise dirija-se á administração do «Commercio do Minho» se diz quem.

(4393)

Vende-se duas casas: uma no largo da Porta Nova n.º 15, outra na praça d'Alegria n.º 20. Trata-se na rua da Ponte n.º 24.

(4398)

XAROPÉ PEITORAL BALSAMICO DE VIEIRA

Este xarope, depois de numerosas experiencias, foi reconhecido como eficaz na cura de todas as tosses rebeldes, bronchites, coqueluches, catarrhos e todas as affecções do peito.

Deposito na Pharmacia do Hospital de S. Marcos.

(264) (4282)

LECIONISTA.

Na rua do Anjo n.º 11 ensina-se a lingua franceza por a quantia mensal de 800 reis, paga adiantada.

(4336)

José Pereira Villa, de S. Jeronimo, novamente voltou a Lisboa. As pessoas que pertenderem as propriedades tratem com o seu procurador, Bernardo da Cunha Pinto Barbosa.

(4391)

CARNEIRO BRAGA

Rua dos Capellistas, 10.

Tendo dissolvido a sociedade que tinha com o sr. José Cardoso Guimarães, resolveu fazer redução em preços das fazendas que vende com grande abatimento, como:

Um grande lote de chitas finas a 90 e 100 reis. Um lote de fazendas de 100, 120 e 140 reis. Grande sortimento de fazendas próprias da estação a 200 reis e mais preços. Camisas de percalle e cretone a 800 reis cada uma. Tem um lindo sortimento de chales de malha alta novidade; Capas, guarda-lamas, guarda-soes para sr.^a e homem, mantinhas largas para homem alta novidade em gostos, collarinhos bordados, perfumarias e chá de superior qualidade; o que tudo vende por preços rasoaveis. (4385)

LECCIONAÇÃO

Na rua do Carvalho, n.º 4, lecciona-se Instrução Primária, Francez, Rhetorica e Philosophia.

Em todas estas disciplinas se habilita para exame.



NOVO HORARIO

Narciso José Marques, d'esta cidade, faz publico, que a sua diligencia estabelecida entre Braga, Guimarães, Fafe, Arco e Cavez, que até aqui partia ás 5 horas da manhã fica partindo desde o dia 1.º de novembro ás 6 horas da manhã. Os snrs. passageiros que quiserem seguir para Amarante tem de seguir n'esta mesma. Os bilhetes vendem-se no escriptorio de José Antonio Marques, Largo do Barão de S. Martinho, n.º 6.

Braga 28 de outubro de 1876.

(4396) Narciso José Marques

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas d'esta Companhia, a realisarem, do dia 6 a 11 do proximo mez de novembro, no escriptorio da Companhia na rua da Cruz de Pedra n.º 6 a 12, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde, a sua entrada de 10 por c. ou 25500 rs. por acção, conforme a deliberação da assembleia geral ordinaria de 17 de julho, e extraordinaria de 26 do corrente, na qual foi igualmente resolvido, que pela ultima vez fossem prevenidos os poucos snrs. accionistas em atraso, para dentro dos mesmos dias marcados no presente annuncio satisfazerem as suas prestações em debito.

Braga e Escriptorio da Companhia em 26 de outubro de 1876.

Os directores,

Francisco da Silva Araujo
José Alves de Moura

(4388) João Carlos Pereira Lobato.
(280)

ARRENDAMENTO

A Meza da Real Irmandade de Santa Cruz d'esta cidade faz publico, que no dia 5 de novembro proximo, pelas 10 horas da manhã, terá lugar na ante-sala das sessões da meza a arrematação dos foros e pensões em generos pertencentes á mesma Irmandade, vencidos no S. Miguel de 1876.

Braga 26 de outubro de 1876.

O PROVIDOR,

Domingos Manuel de Mello Freire Barata. (4387)

INJECTION BROU

Hygienica, fivel y preservativa; absolutamente a unica que q sem lhe juntar mais nada. Vende-se nas princia pharmacias do mundo. Exigir a instrução deo. (30 años de exito.) Paris, casa do inv.^o Br.º Mage, 155. Lisboa, S.º Barreto Loreto 28 e 30.

ALCATRAO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromatis de Alcatrao de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: ur colherzinha n'um copo d'agua accrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

ALCATRAO RECONSTITUINTE BARBERON. Com chlorhydrophosphato de cal. Consumo, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepa, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON. Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstitue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS. Substituo ferro candente para destruir o pello. Exito infallivel e facil applicação. — Preço: 950 r.

Depositos: BARBERON & Co, en Châtillon-sur-Loire (Loir, França. Em Lisboa, o sr. Barreto, r. do Lorêto, n.º 28—30. 23 ::)

Farmacia de HOGG, 2, rue de Castiglione, Paris (Uco proprietario).

OLEO HIGADOS FRESCOS HOGG

BACALAO de

Prescripto por todos os medicos e empregado ca o mayor successo contra: as enfermidades do peito, affeões escrofulosas, tosses chronicas, rheumatism, magreza erianças, das impigeme, fluxos brancos, debilidade geral, etc., et. Agradavel e facil de tomar. — Desconfiar das falsificaçõ.

Exigir-se-ha a marca da Fabrica juntó que encob a capsulo de cada frasco de feitto triangular, e a firm HOGG e Cia, que devera achar-se sobre o rotulo.

Depositos nas principaes Pharmacias e em Lisboa, nas cas de BARRETO, rua de Loreto, 28 e 30. AZEVEDO e Filhos, BARRAL e IRÃO; em Porto, nas casas de ALBANO ABILIO ANDRADE, SOUZA FERREIRA e IRMAO JOSÉ PINTO; em Coimbra, Salvador FERRAZ. (33)

Em 13 Em 28

MALA REAL INGLIZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHÁ QUINZENAL DE PAQUETES A VAPIR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceitando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIOGRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

ELBE	13 de Novembro	GUADIANA	29 de Dezembro
MINHO.	28 de Novembro	DOURO.	3 de Janeiro
NEVA.	13 de Dezembro		

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cozinheiros portuguezes para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa e por conta da Companhia.

A bordo os passageiros tem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cozinheiros portuguezes, vindo duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que tem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31 ::)

ALUGA-SE

Uma morada de casas, perto da igreja de S. Vicente, assim como se vende a mobilia (nova) de toda a casa. Para tractar, no largo do Barão de S. Martinho n.º 27. (4392)

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Esmeriz, no dia 5 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã e nas casas da morada de José da Silva Rocha, morador na rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, se tem d'arrematar os moveis e objectos, penhorados a Narciso da Cunha da Silva Braga, e mulher, na execução que lhe move José Gomes de Sá, negociante, e todos d'esta mesma, cuja arrematação estava annunciada, e devia ter lugar no dia 29 do passado mez de outubro, e se não verificou por tal dia ser feriado, e os bens a arrematar constam dos editaes já afixados, e porisso toda a pessoa que quizer lançar pôde comparecer no dito dia hora e local. (4401)

ARRENDAMENTO

No dia 12 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala das sessões do Asylo de D. Pedro V, se ha de proceder ao arrendamento, a quem mais der, da cerca do convento da Penha, provisoriamente pertencente ao mesmo asylo. Os interessados devem comparecer no dia, hora e local mencionado.

Braga, secretaria do Asylo, 2 de novembro de 1876.

O secretario,

(4400) P.º Luiz Gomes da Silva

Quem quizer comprar uma casa sobradada, com oratorio para dizer missa, e terras juntas á casa, na freguezia da Graça, falle com José Maria Torres Machado, que recebe propostas até o dia 14 do corrente.

Braga 2 de novembro de 1876. (4399)

Tratado pratico, sobre a reforma das matrizes preçiaes, por Alberto Eduardo de Sousa, escriptão do concelho de Albergaria-Velha.

Acaba de sair á luz esta interessante publicação, preço 110 (lão sómente para fazer face ás despesas).

Pelo correio 170 rs.

A' venda na livraria de Jacintho D. P. da Silva, 136, rua do Almada, Porto.

QUARTIL

Aluga-se um sótão bom para dous estudantes. Quem pretender dirija-se á Livraria Catholica na rua do Souto, que ali se indica onde é. (4384)

A' ULTIMA HORA

Aluga-se a casa n.º 48 da rua dos Chãos de Baixo, de fronteira com a hospedaria hispanhola. Tem dois andares elegantes de rica esquadria, boa loja e grande armazem.

Para tratar na mesma. (4378)

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Largo do Barão de S. Martinho n.º 5

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (22 ::)